

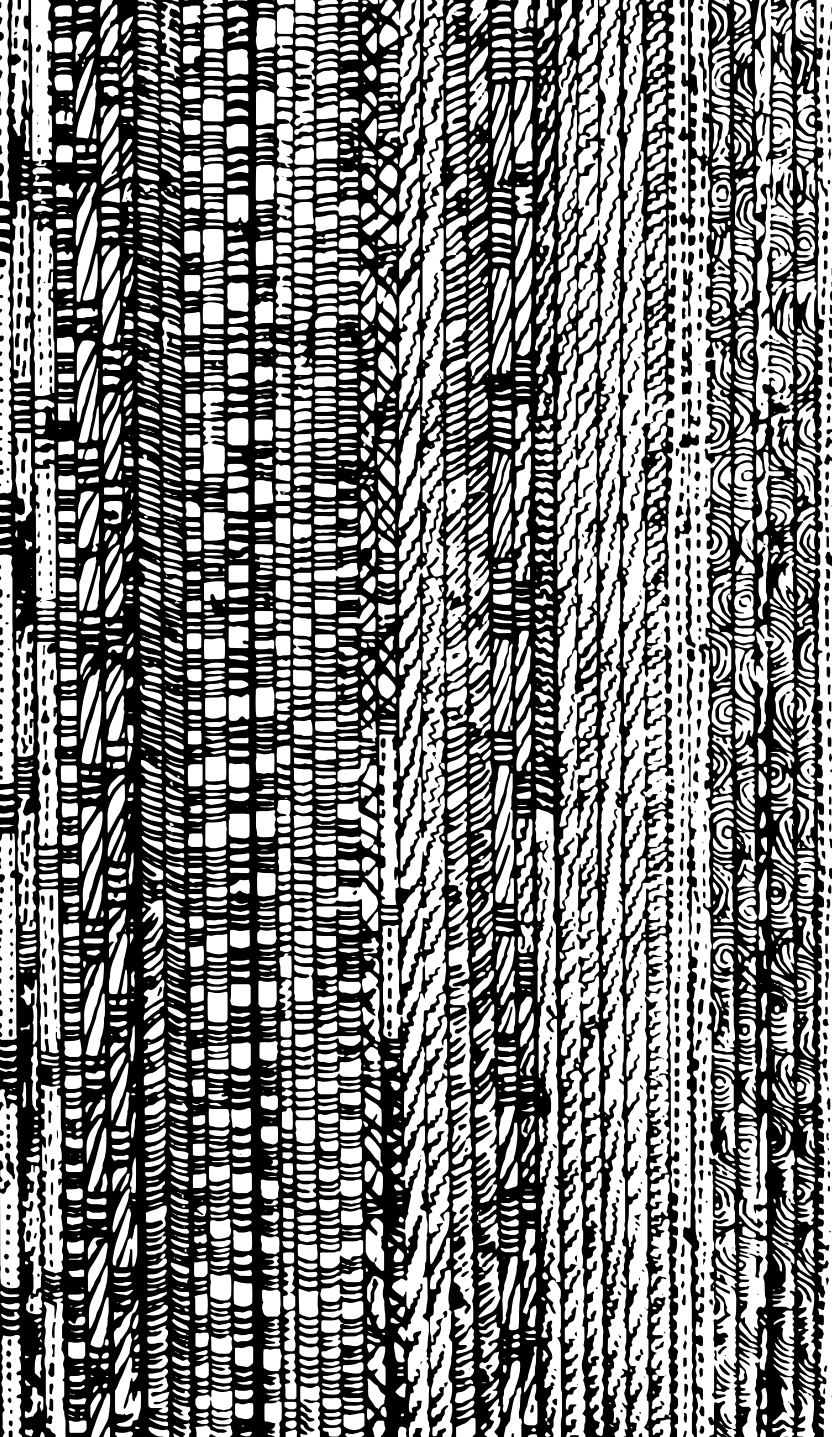
POTUWA PORA KÕ

o que se guarda no *potuwa*



SABERES ZO'É





POTUWA PORA KÕ

o que se guarda no *potuwa*

HUGO PRUDENTE

desenhos

DANI EIZIRIK

KUBI'EUHU

WO'I & PANE



SABERES ZO'É

Iepé & FPEC-Funai

2019

**COMO LER AS PALAVRAS DA
LÍNGUA ZO'É CITADAS NESTE LIVRO ... 07**

PREFÁCIO

por Fábio Nogueira Ribeiro
e Dominique Tilkin Gallois 11

POTUWA PORA KÕ

o que se guarda no *potuwa* 21

PENAS NEGRAS 25

SAN VAI À PROCURA DAS PENAS 43

IRAPAT

flecha pontiaguda 51

TABOCAS E OUTRAS TROCAS 55

WYWA

o cultivo das flechas 61

LEVES, BELAS E AFIADAS 67

KUSIWET

os padrões gráficos 69

TUKANA RAWET

penugem de tucano 81

DYBOPOT	
linhas coloridas	85
ODE-ODE	
emenda-emenda	87
BATA	
flecha de soco	95
KWATA BOPUHA	
assusta-macaco	99
SARAKE	
zagaia	103
RIKURU	
flecha farpada	107
PIDE	
flecha-arpão	109
POR ONDE A CAÇA ANDA	121
ATRÁS DAS PENAS OUTRA VEZ	123
COMO ESSE LIVRO FOI FEITO	139
GLOSSÁRIO	143

COMO LER AS PALAVRAS DA LÍNGUA ZO'É CITADAS NESTE LIVRO

Até muito recentemente, a língua falada pelos Zo'é era apenas usada oralmente. Trata-se de uma língua ainda pouco conhecida, da família Tupi-Guarani. Desde 2017, um grupo de jovens líderes e alguns rapazes vem se apropriando da leitura e escrita em sua própria língua. Para o desenvolvimento das ações de letramento, a equipe do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - Iepé se apoiou na proposta de ortografia da língua zo'é elaborada pela linguista Ana Suelly Cabral (2013). As escolhas assumidas neste livro são de responsabilidade do autor.

Como acontece com qualquer idioma, a escrita em zo'é é específica dessa língua, cujos sons não são equivalentes aos da língua portuguesa. Por isso, as palavras deste livro escritas em zo'é não devem ser pronunciadas como se leria uma palavra em português.

Normalmente a sílaba mais forte da palavra é a última. Não é necessário usar acento agudo. *Ode*, por exemplo, significa emendar, e deve ser lido “odé”.

Devemos ler *kusi*, cutia, como “cussí”, pois o **S** nunca tem som de **Z** e não é preciso grafar **SS** como no português.

Já a palavra *San*, nome de um líder zo’é, deve ser lida com som de **X**, do modo como pronunciamos, em português, a palavra “xampu”. É a letra **S** que representa este som na escrita da língua zo’é, nunca usamos x nem ch.

A letra **Y** representa um som que não temos na língua portuguesa. Ele soa próximo ao “eu” francês e é muito frequente nas palavras zo’é. Há alguns exemplos ao longo do livro.

O **W** tem um som próximo ao nosso **U**. Assim, *wata*, “andar” não deve ser lido “vatá” e sim “uatá”. A pronúncia do **W** pode ser muito suave. Na palavra *potuwa*, por exemplo, ele quase nos passa despercebido, soprado entre os lábios, “potuuá”.

A letra **H** soa como no inglês. A palavra zo’é para arco, *baba*, deve ser lida “barrá”.

O **R**, por sua vez, nunca tem som de **RR**, mesmo no começo da palavra. A flecha farpada feita pelos Zo’é é chamada *rikuru*.

Nesta palavra, devemos pronunciar o **RI** do mesmo modo que fazemos na palavra “júri”.

A pronúncia do **R** pode ser um pouco diferente quando ele está entre duas vogais. Isso acontece na palavra *irapat*, “flecha dele”. Aos nossos ouvidos, ela soa como “ireapát”.

Algo parecido acontece com a letra **K**. O nome do jovem Tekaru, por exemplo, deve ser lido “Tekiarú”.

Já o **KW**, tem o som do nosso **QU**, como na palavra *kwata*, nome de um tipo de macaco, conhecido em português como macaco-aranha ou coatá.

Tajahu, o porco-queixada, deve ser pronunciado “tadzarrú”. O **J** tem diferentes usos na escrita em zo’é, a depender da vogal que o acompanha. Na palavra *piriji*, “taboca”, ele soa como **DJ**, “piridji”.

No caso das palavras *pijan* e *wajũ*, devemos ler, respectivamente, “pinhá” e “uãnhu”. Nestes dois casos, o **J** está junto de uma vogal nasal e soa como **NH**. Os Zo’é costumam traduzir *pijan* como “amigo” e *wajũ* é o nome dado a uma árvore, bem como à madeira clara e maleável que ela fornece.

Por fim, quando o **J** aparece depois de qualquer vogal, ele soa como um **I** fraco. Por exemplo, em *tokej*, “tocaia”, cuja pronúncia é muito próxima da palavra “toquei”, em português.

PREFÁCIO

Este é o primeiro volume de uma série de publicações dedicadas aos saberes e práticas do povo Zo'é. Este livro descreve a tecnologia de fabricação de flechas, que todos os homens zo'é sabem fazer desde jovens, utilizando diversas matérias-primas e utensílios que cada um guarda em seu *potuwa*, um pequeno cesto com tampa, feito com lascas de arumã e confeccionado pelas mulheres.

Por meio desta publicação, esperamos dar a conhecer alguns aspectos dos sofisticados conhecimentos que estão na base do modo de vida deste povo de língua Tupi-Guarani. Em próximos volumes da série serão abordados conhecimentos envolvidos no cultivo das roças, na construção das casas, no preparo dos alimentos e na fabricação de outros muitos artefatos do dia a dia.

ZO'É

Habitantes de densas florestas situadas no interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do Pará, os Zo'é são hoje 310 pessoas, que se distribuem entre mais de 40 pequenas aldeias. Sua terra foi demarcada e homologada em 2009, com 668.565 hectares.

Em situação de recente contato, os Zo'é convivem com agentes de assistência há apenas três décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social e territorial. Uma das principais características do seu modo de vida é a intensa mobilidade das famílias entre diferentes roças e aldeias. Esse modo de ocupação garante acesso aos recursos florestais sem esgotá-los, uma vez que as atividades de cultivo das roças, de caça, pesca e coleta são feitas em pequena escala, pelas diferentes famílias, em áreas distintas. Dessa forma, eles acumulam um exímio conhecimento sobre seu território, percorrido através de uma intrincada rede de caminhos que dão acesso não só às aldeias, acampamentos e capoeiras, mas a pontos específicos de caça de determinados animais, ou a locais de coleta dos mais

diversos recursos utilizados no dia a dia, tanto para alimentação como para a fabricação de utensílios.

A qualidade de vida dos Zo'é decorre, portanto, desse grande acervo de conhecimentos, transmitidos e aperfeiçoados ao longo das gerações. Se, nas últimas décadas, os Zo'é se apropriaram seletivamente de alguns itens industrializados, continuam valorizando seus próprios saberes e tecnologias para fabricar os artefatos que utilizam cotidianamente.

FAZ

Com o intuito de fomentar a divulgação qualificada e o reconhecimento dos saberes e práticas dos Zo'é, a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPEC/Funai vem ajudando os Zo'é a comercializar alguns objetos e adornos de seu cotidiano, como cestos e cofos trançados, pulseiras de ouriço de castanha, recipientes em cerâmica, tipoias feitas de algodão e colheres de madeira e coco. A renda gerada com a venda dessas peças assegura maior autonomia da comunidade na aquisição dos objetos industrializados que foram incorporados ao modo de vida dos Zo'é há várias

décadas. Entre esses objetos, destacam-se facas, machados e terçados, anzóis, arames e linhas de pesca, lanternas, pentes, linhas de algodão.

A gestão deste Fundo de Artesanato Zo'é – FAZ é realizada pela FPEC/Funai com a participação de toda a comunidade, a qual avalia os resultados da venda e decide quais objetos adquirir, assim como define os modos de distribuição entre pessoas e famílias.

Cabe destacar que apenas uma parte restrita dos artefatos produzidos pelos Zo'é podem ser comercializados, tendo em vista o artigo 29 da Lei 9.605 (Lei de crimes ambientais), que proíbe a venda de peças contendo partes de animais. Flechas, por exemplo, compostas com penas de aves e lascas de ossos não podem ser vendidas. Da mesma forma, não se vendem adornos em plumária. Outros artefatos, como o arco, feito de uma madeira extremamente dura e rara, não são vendidos para evitar a diminuição do estoque desse recurso, fundamental na produção e segurança alimentar do povo Zo'é.

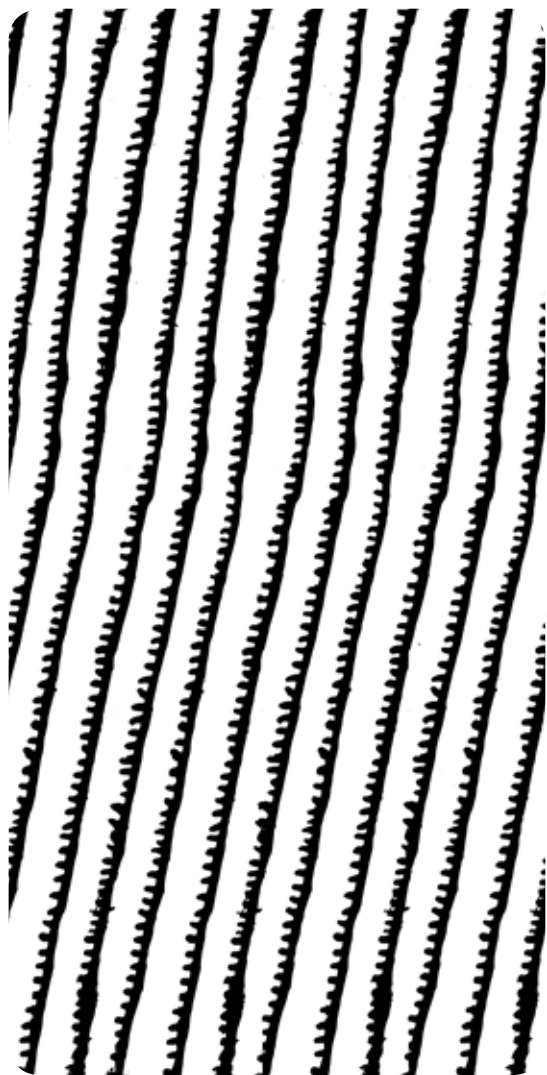
É por este motivo que esperamos, com a venda dos livros desta série, poder aumentar o volume de recursos necessários à aquisição e distribuição dos bens de consumo que fazem

parte do cotidiano das famílias zo'é. Ao mesmo tempo, o Fundo de Artesanato se propõe a valorizar os conhecimentos envolvidos na coleta das matérias-primas e na confecção das peças.

Kejá, 25 de outubro de 2019.

Fábio Nogueira Ribeiro,
Coordenador da FPEC/FUNAI

Dominique Tilkin Gallois,
USP e Iepé



miū rirv hiremi kirahi muha

miū rirv æruwāsa potuwa

kuhiriwarabyrakō

potuwa pe titisu miū buhu

ærame ej po kuruhuk

perepo rirv teho ho potuwa

potuwa hāyt wirete wararirv

kusiwēj æ howe

simojyng æ howe

rātihuh æ howe

kise æ howe

boko pe muang potuwa porakō

ei awapoi

PÁGINA ANTERIOR

“Os *kirahi* devem achar que é para guardar comida, mas o *potuwa* não é para isso não.

Os antigos, certa vez, colocaram comida dentro de um *potuwa* e por causa disso ficaram de estômago embrulhado.

O *potuwa* grande é só para guardar penas.
O *potuwa* pequeno é para guardar linha de flecha, é para guardar o formão *kusiwēj* e o tensor *simojyng* também, resina de árvore também, faquinha também.

São essas coisas que se guarda no *potuwa*,

disse Awapo’i.”

O *potuwa* é um pequeno estojo de arumã trançado, feito pelas mulheres zo’é. Portátil, ele é sempre levado pelos homens, todo caçador deve ter o seu. O conjunto de objetos reunido dentro do *potuwa* chama a atenção por sua composição diversa. Nada é à toa, essas são as escolhas dos Zo’é que lhes garantem as flechas mais belas, mais velozes e mais precisas. Todos os dias, junto ao fogo, o caçador aquece e endireita as suas flechas, faz pequenos reparos ou prepara flechas novas, tendo ao seu lado o *potuwa*. Cada item ou material importante na produção de uma flecha traça as suas trajetórias. São objetos que levam e são levados. Este livro propõe abrí-los juntos o *potuwa* e acompanhá-los um pouco este movimento através do território zo’é.

POTUWA PORA KÕ

o que se guarda no *potuwa*

